

**DURAN, M. R. da C. (Org.). (2012) – *Triunfos da Eloquência: Sermões reunidos e comentados: 1656 a 1864*. Niterói: Editora da UFF, 173 p.**

por CARLOS GUARDADO DA SILVA  
Professor Auxiliar com Agregação  
Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa  
carlosguardado@campus.ul.pt  
ORCID: 0000-0003-1490-8709

Tema de escassos estudos de fôlego maior, a parenética (= oratória sacra) e os sermões têm conhecido poucos cultores que lhe dediquem investigação continuada e, quando possível, novas perspetivas de análise. Entenda-se a parenética como os sermões pregados de natureza pastoral, catequética e apologética, que visavam, através de uma mensagem de salvação, ensinar e persuadir, pela palavra e pelo gesto, os ouvintes, enquanto os sermões, propriamente ditos, incluem “os subgéneros encomiástico (panegírico e oração fúnebre), de precatório (prece), eucarístico (a ação de graças) e gratulatório (regozijo)” (Marques, 2001, p. 471).

Ousando cometer alguma injustiça involuntária, relembremos, a título de exceção e relativamente às últimas quatro décadas, os nomes e os títulos de João Francisco Marques (*A parenética portuguesa e a dominação filipina*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986; *A parenética portuguesa e a Restauração: 1640-1668*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989.), Roberto Acízelo de Souza (*O império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999), Federico Palomo (*Fazer dos campos escolas excelentes: os Jesuítas de Évora e as missões do interior em Portugal: 1551-1630*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003) e a editora do livro em análise, Maria Renata da Cruz Duran (*Retórica e eloquência no Rio de Janeiro: 1759-1834*. 2009. Tese de Doutoramento; *Ecoss do Púlpito: a oratória sagrada no tempo de D. João VI*. São Paulo: UNESP, 2010), que os tornam autores de referência obrigatória neste campo científico.

A estes títulos junta-se *Triunfos da eloquência: sermões reunidos e comentados: 1656 a 1864* (2012), obra organizada por Maria Renata da Cruz Duran, com uma plêiade de autores, de Portugal e do Brasil, que têm igual-

mente dedicado a sua atenção aos estudos da parenética e da sermonística. Cada um dos autores selecionou um sermão de oratória sagrada, aqui publicado, dedicando-lhe um estudo, que o antecede.

O primeiro estudo é de Isabel M. R. Drumond Braga, “Eloquência, cativo e glorificação: o sermão de frei José de Santa Maria por ocasião do resgate geral de cativos de 1655”, precisamente sobre a temática dos cativos, assunto a que a autora tem dedicado atenção em diversos estudos. Para tal, parte da breve apresentação do estado da arte, situando os estudos de parenética no tempo, no espaço e em termos de temática. Neste aspeto em particular, identifica os sermões como fontes privilegiadas para o estudo das resistências e consolidações políticas, por exemplo, no contexto da afirmação da independência portuguesa no período da Restauração, bem como no período da Guerra Peninsular, face à ofensiva napoleónica; também, enquanto instrumentos de propaganda e de combate às heresias, de disciplinamento moral e de evangelização das populações, ou com objetivos encomiásticos, tendo por alvo os santos e a Virgem, e pregados em atos festivos, quer por ocasião de festas religiosas, quer em eventos comemorativos associados à família real.

De seguida, oferece ao leitor o contexto do cativo, que implicava a redução de um indivíduo à condição de cativo por motivos religiosos da qual poderia sair mediante o pagamento de um resgate, de modo a compreender-se o objetivo da pregação do sermão em análise, bem como a melhor interpretar o processo de exortação dos fiéis à piedade popular e à glorificação da Ordem Trinitária, que tinha por missão o resgate dos cristãos cativos. O estudo termina com a publicação do *Sermão que pregou o padre doutor frei José de Santa Maria, lente de prima de teologia no convento da Santíssima Trindade de Lisboa, na solene procissão do resgate geral, que se celebrou em 23 de dezembro de 1655 [...]*, em Lisboa. Aqui se entende, como é relevado por Isabel Drumond Braga, o caráter assistencial do sermão, assim como a articulação da pregação da palavra com a procissão, em que se apresentavam os cativos durante a celebração pública, exortando os fiéis para a dádiva de esmolas.

O segundo estudo, “António de Sá”, é assinado por Gilson José dos Santos e José Américo Miranda, tendo por centro, precisamente, uma leitura crítica da vida (e da obra) do padre jesuíta António de Sá (1617-1768), “pregador evangélico modelar” contemporâneo, amigo e discípulo do padre de António Vieira. Estes e o padre Eusébio de Matos seriam decisivos para a afirmação do sermão como género literário na América portuguesa em meados do século XVII. A António de Sá dedicara Gilson José Santos a sua

dissertação de mestrado em Estudos Literários – Literatura Brasileira, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte), em 2006, *Sermão do Dia de Cinza, do padre Antônio de Sá: edição e estudo crítico*, sob a orientação de José Américo Miranda. O estudo termina com a edição anotada, por este, do *Sermão do Dia de Cinza*, o mais célebre dos sermões que Antônio de Sá pregou ao longo da sua vida, editado pela primeira vez em 1669. Não é, porém, a análise do sermão pregado na Capela Real, em Lisboa, no período da Quaresma, em que “o orador procura persuadir o monarca português e a sua corte ao temor de Deus e à piedade” (Santos, 2008, p. 144) em virtude do reconhecimento da mortalidade do homem. A sua análise, em termos da estrutura correlativa, foi efetuada em outro local, referido acima, e replicada em 2008.

O estudo seguinte, “Quando Deus era brasileiro: os sermões do tempo do Rei”, é de Roberto de Oliveira Brandão, que também publicou *A oratória no Brasil* (Editora Verbo, 1999), tendo por foco o *Sermão de ação de graças que na igreja de S. Pedro da Corte de Rio de Janeiro, pelo restabelecimento da saúde de Sua Magestade Imperial, pregou o p. M. Pregador Imperial F. Francisco de S. Paio* [c. 1822], no período de transferência da família real portuguesa para o Brasil, após 1808. O autor parte de uma breve caracterização do lugar do sermão na literatura brasileira e do contexto histórico, que evidenciava tensões, destacando-se a da afirmação da política colonialista dos portugueses face às aspirações independentistas dos brasileiros. Pois a presença de D. João VI no Rio de Janeiro e a consequente modernização da cidade, dotando-a de organismos da administração pública e de serviços culturais, favoreceu a criação de condições e expectativas de autonomia para o Brasil. O sermão em análise, feito em ação de graças pelo restabelecimento da saúde do Príncipe Regente, em quem a maior parte dos brasileiros depositava a esperança de independência, assume um objetivo eminentemente político. Questão de relevância, quando se reconhece em frei Sampaio o papel de conselheiro do príncipe regente e, por esta via, a influência que teria mais tarde no aconselhamento do monarca D. Pedro no processo independentista. A esse propósito, lembra Roberto de Oliveira Brandão, a frei Sampaio se deve a redação do “Manifesto do Povo do Rio de Janeiro, de 29 de dezembro de 1821, em nome do Clube da Resistência, que resultou no “Dia do Fico”, de 9 de janeiro de 1822. Neste dia, tendo já D. João VI regressado a Portugal, em 26 de abril de 1821, o príncipe regente D. Pedro declarou que não cumpriria as ordens das Cortes portuguesas, que exigiam o seu regresso a Portugal, tendo permanecido no Brasil. Deste modo, o assunto do sermão adquire relevân-

cia, uma vez que o estado de saúde do príncipe poderia colocar em causa essa esperança de uma independência anunciada, assim como evidencia objetivos não só de índole espiritual, mas também política presentes nos sermões e, neste caso particular, de frei Sampaio, um elemento empenhado no processo de independência do Brasil.

O quarto estudo, “Como persuadir um imperador? As instruções de frei Francisco do Monte Alverne para D. Pedro”, é de Maria Renata da Cruz Duran. Sendo o pregador um espelho, quer do príncipe, quer da população, a autora parte da contextualização do ensino da retórica para os oradores sagrados, remontando ao século XVIII e, de modo particular, ao período pombalino, para oferecer-nos as bases para o entendimento da publicação *O verdadeiro pregador do século XVIII*, em 1789, cuja autoria se desconhece. Aqui emerge um novo modelo, que negava o tipo de sermão pregado nas centúrias anteriores, que se opunha à retórica jesuíta, em sintonia com a reforma de ensino, e de modo particular a ocorrida na Universidade de Coimbra, em 1772, na sequência da expulsão dos jesuítas em Portugal, em 1759. Todavia, as novas ordens religiosas – franciscanos, dominicanos, oratorianos e beneditinos -, que passaram a ocupar os púlpitos, também não possuíam a erudição necessária, que se exigia a um pregador, isto é, a quem “falava pelo e para o rei” (p. 90). Neste contexto, a retórica afirmara-se no quotidiano fluminense a partir de 1808, sendo valorizada a figura do pregador, de que é testemunho a nomeação de 15 pregadores reais, quando o Príncipe Regente e a família real chegaram ao Brasil. Reconhecia-se o seu papel missionário, mas também instrutivo crucial na formação da opinião pública, como defendera Francisco de Monte Alverne (Rio de Janeiro, 1783 – Niterói, 1858), um exemplo notável de pregador de então. Por isso mesmo, o estudo termina com a publicação do *Segundo panegírico de São Pedro de Alcântara pregado na Capela Imperial, no dia 19 de outubro de 1854*, por frei Francisco de Monte Alverne, o mais célebre pregador no tempo de D. João VI no Brasil, um texto encomiástico a São Pedro de Alcântara, nomeado padroeiro do Brasil, em 1826. Antes, porém, oferece-nos uma síntese biobibliográfica de Monte Alverne, tendo por base as *Obras Oratórias* (Rio de Janeiro, Garnier, 1856, 1858, respetivamente tomos 1 e 2), figura através da qual é perceptível observar, enquanto se revitalizavam muitas paróquias fluminenses, o papel dos pregadores no levantamento do trono no Brasil.

O último estudo, “Sermonística e a introdução do protestantismo no Brasil no século XIX: Ashbel Green Simonton”, é de João Leonel, em que seleciona e publica *Tudo está cumprido. Sermão sobre a paixão de nosso*

*Senhor Jesus Cristo*, do fundador da Igreja Presbiteriana no Brasil, o pastor e missionário norte-americano Ashbel Green Simonton. João Leonel começa por efetuar um breve esboço biográfico de Ashbel Green Simonton (1833-1867), um cristão presbiteriano devoto, situando-o no contexto dos Estados Unidos da América de meados de oitocentos, em que se encontrava em desenvolvimento a doutrina do “Destino Manifesto”, isto é, a “crença de que a nação americana estava destinada por Deus a expandir sua influência por todo o continente, da costa pacífica à atlântica, para propagar os princípios da liberdade e da verdadeira religião” (p. 126). Ainda que a expressão tenha sido cunhada apenas em 1845, o seu conteúdo estava bem arraigado na população americana, sendo essencial para a compreensão das aquisições de partes do território, maioritariamente ocupadas por populações de origem católica, que vêm a fazer parte do país e que se encontravam até então sob domínio de outros países como França, Espanha, México e Reino Unido, bem como a explicar o movimento missionário para o exterior. Depois, debruça-se sobre a formação dos pastores presbiterianos, em que é destacada a Homilética, isto é, a arte da eloquência do púlpito, imprescindível para a composição dos sermões, assim como para a sua pregação. Por fim, efetua uma breve referência à introdução do protestantismo no Brasil, que remonta ao século XVI, por intermédio dos huguenotes franceses no Rio de Janeiro, seguindo-se no Nordeste, no século XVII, por via dos holandeses reformados. Também, encontrava-se introduzido o protestantismo inglês no Brasil, sobretudo depois do Tratado de 1810 com Inglaterra, que concedia liberdade religiosa aos estrangeiros e permitira o surgimento de capelanias estrangeiras nos grandes centros urbanos, quando, em 12 de agosto de 1859, Ashbel Green Simonton chegou ao Rio de Janeiro, tendo conseguido organizar a primeira igreja presbiteriana em território brasileiro, naquela cidade, em 1862. Aqui pregaria a maior parte dos seus sermões, que evidenciam o seu caráter doutrinário e evangelizador, como o que aqui se publica.

Em suma, estamos perante uma obra que reúne cinco notáveis estudos, produzidos por seis autores, do Brasil e de Portugal, com formações que abrangem a História e os Estudos Literários, permitindo uma interpretação interdisciplinar. Por sua vez, os sermões escolhidos são representativos do papel e do valor – catequético, moral, cultural, educativo, social e político - da parenética e da sermonística dos dois territórios – Portugal e Brasil -, entre 1656 e 1864. Estudos que testemunham, portanto, distintos *Triunfos da Eloquência*, explicando-se, deste modo, a pertinência e a oportunidade do título da obra. Enfim, razões suficientes para a sua leitura.

## Referências Bibliográficas

- MARQUES, J. F. (2001) – «Oratória sacra ou parenética». In: AZEVEDO, Carlos Moreira de, (dir.) – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, Universidade Católica Portuguesa, P-V, p. 470-510.
- SANTOS, G. J. (2008) – Sermão do Dia de Cinza, do padre Antônio de Sá (Rio de Janeiro, 1620-1678): um caso de estrutura correlativa. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, [S. l.], v. 28(40) (dez. 2008), p. 125-144. <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/6559>.



**BAUC VOL. XXXIV, N.º 1**

**NOTA DE APRESENTAÇÃO**

**INSTRUMENTOS DE PESQUISA ARQUIVÍSTICA**

O arquivo de Marie-Louise Bastin: descrição do acervo  
Anabela Costa; Líliliana Isabel Esteves Gomes; Ana Luísa Santos

**ESTUDOS**

Um olhar sobre o cartório medieval da câmara de Elvas (com transcrição integral do livro de receitas e despesas municipal de 1432-33)  
Joana Sequeira; Sérgio Ferreira

Literatura Novilatina na Recepção ao Novo Bispo de Coimbra  
D. Afonso Furtado de Mendonça no Colégio dos Jesuítas  
António Guimarães Pinto

Cartas de emigrantes:  
outra visão da emigração no distrito de Coimbra para o Brasil (1916)  
Mário Jorge Martinho da Costa

**RECENSÕES CRÍTICAS**

DURAN, M. R. da C. (Org.). (2012) – Triunfos da Eloquência:  
Sermões reunidos e comentados: 1656 a 1864. Niterói: Editora da UFF, 173 p.  
Carlos Guardado da Silva

**ISSN**

0872-5632  
2182-7974

**MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA**

Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra  
Arquivo da Universidade de Coimbra  
Rua de S. Pedro, 2, 3000-370 Coimbra, Portugal  
URL: <http://www.uc.pt/auc>